

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haím
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO
RUA



A REDENÇÃO DE ISRAEL

Eu reconduzirei os cativos do meu povo de Israel: eles restaurarão as suas cidades destruídas e ali se estabelecerão, plantarão vinhas e delas beberão o vinho, cultivarão jardins e deles comerão os frutos.

Eu os replantarei no seu solo, e eles não serão mais desraizados deste solo que eu lhes dei, diz Adonai, teu Deus.

Assim profetizou Amos (CAP. IX, v. 14 e 15).

A Proclamação do Estado de Israel

O Estado Judaico de Israel foi proclamado às 16 horas de sexta-feira, 14 de Maio de 1948 (5 de Iyar de 5708), numa sessão solene do Conselho Nacional em Tel Aviv. O sr. David Ben-Gurion, que actualmente é o primeiro Ministro e Ministro da Defesa, leu a declaração da Independência:

«A terra de Israel foi terra natal do povo judaico. Aqui foi formada a sua identidade espiritual, religiosa e nacional; aqui alcançou a independência e criou uma cultura de importância nacional e universal.

Aqui escreveu e deu a *Bíblia* ao mundo. Eixilado da Palestina, o povo judaico permaneceu-lhe fiel em todos os países da sua dispersão, nunca deixando de rezar e esperar pelo seu regresso e a restauração da sua liberdade nacional proclamada por esta associação histórica. Os judeus lutaram durante séculos para regressarem ao país dos seus antepassados e reconquistarem o seu estado.»

Depois de enumerar os acontecimentos que conduziram ao estabelecimento do

Estado, desde o primeiro Congresso Sionista até ao holocausto judaico durante a segunda guerra mundial, a proclamação continua:

«Em 29 de Novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas adoptou uma resolução para o estabelecimento dum Estado Judaico independente na Palestina e pediu aos habitantes do país que tomem as medidas necessárias para executar o plano. Este reconhecimento pelas Nações Unidas do direito do povo judaico de estabelecer o seu estado independente não pode ser revogado. É, ainda, o direito lógico do povo judaico ser uma nação como todas as outras nações no seu próprio estado soberano. De acordo, nós, os membros do Conselho Nacional, representando o povo judaico na Palestina e o movimento sionista do mundo, reunidos hoje numa assembleia solene, no dia da terminação do Mandato Britânico para a Palestina:

Em virtude do direito nacional e histórico do povo judaico e da resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas proclamamos o estabelecimento do Estado judaico na Palestina a ser chamado Israel. Declaramos

que a partir da terminação do mandato à meia noite desta noite do 14 a 15 de Maio de 1948, e até os organismos devidamente eleitos do Estado tomarem posse de acordo com uma constituição a ser redigida por uma assembleia constituinte até ao dia 1 de Outubro de 1948, o actual conselho nacional deve agir como o conselho de Estado provisório e o seu órgão executivo, a administração nacional deve constituir o governo provisório do Estado de Israel:

O Estado de Israel será aberto à emigração de judeus de todos os países da sua dispersão e promoverá o desenvolvimento do País em benefício de todos os seus habitantes; basear-se-á nos princípios da liberdade, da justiça e da paz ensinados pelos profetas hebraicos; salvaguardará a plena igualdade social e política dos seus cidadãos sem distinção de raça, de crença ou de sexo, e garantirá plena liberdade de consciência, serviços religiosos, educação e cultura. Salvaguardará a santidade e a inviolabilidade dos santuários e Lugares Santos de todas as religiões e dedicar-se-á aos princípios da Carta das Nações Unidas. O Estado de Israel estará pronto para cooperar com os organismos e representantes das Nações Unidas na execução da resolução de 29 de Novembro de 1947, e tomará as medidas para conseguir a união económica de toda a Palestina. Apelamos às Nações Unidas para auxiliar o povo judaico na construção do seu estado e para admitir Israel na família das nações.

Declaração Balfour

2 de Novembro de 1917.

«Caro Lord Rothschild:

«É-me grato fazer-lhe em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte afirmação de simpatia pelas aspirações Judaicas Sionistas, submetida ao Gabinete e por este aprovada.»

«O Governo de Sua Majestade encara, favoravelmente, o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo Judeu

e empregará todos os seus esforços para facilitar a realização desse fim, ficando claramente entendido que nada será feito que possa causar prejuízo aos direitos civis e religiosos das comunidades não Judaicas existentes na Palestina nem ainda aos direitos e estatuto político de que gozam os Judeus em qualquer outro país.»

«Ficar-lhe-ia agradecido se quisesse levar esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Sinceramente seu

a) *Arthur James Balfour*».

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Lisboa — Passou pelo porto de Lisboa o barco de carga brasileiro «**CUYABÁ**», que entre outros emigrantes trouxe em trânsito para Brasil e América do Sul 110 Israelitas, vindos dos campos de Deslocados da Europa. As condições sanitárias, promiscuidade e estado físico eram lamentáveis, mais parecendo um transporte de gado, do que um vapor conduzindo seres humanos, mas graças aos esforços da Delegação Lisboa da WIZO, e dos Israelitas de Lisboa, foi possível minorar um pouco a situação dos nossos irmãos de crença, que partiram mais reconfortados e cientes de que a «eternidade de Israel é e continuará inegável».

Porto — Realizou uma interessante palestra na sede provisória do Grupo Sionista «Teodoro Herzl», o Reverendo Rabbi Mendel Diezendruck, de Lisboa, durante uma sessão solene em que falaram igualmente os Haverim Isaac Jacob Lopes Martins e Amílcar Paulo.

O Reverendo Diezendruck inspeccionou detalhadamente a actividade do Grupo, e exortou os seus componentes a lutarem pela causa sagrada de Sion.

New-York — O Dr. Walter Judá e o sr. Morris Caron declararam que, em face dos resultados obtidos nas experiências feitas recentemente no Instituto Weizman, em curto espaço de tempo será possível fornecer água potável para todo o Neguev e promover assim a fertilização deste imenso território.

TRIBUTO DE HOMENAGEM

A

PAUL GOODMAN

No dia 10 de Abril próximo passado completou 73 anos de idade o sr. Paul Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto.

O nosso homenageado é o Secretário honorário da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Comunidade fundada por judeus e cripto-judeus emigrados de Portugal e Espanha no tempo em que nestes países campeava a feroz Inquisição. Paul Goodman não é somente um pujante escritor como o demonstram os seus trabalhos literários, dentre os quais destaca *The History of the Jews e The Sinagogue and the church*, onde à levesa e graciosidade da linguagem alia o rígido critério do historiador e o espírito piedoso de apologética.

É ele também o Secretário activíssimo do Portuguese Maranos Comité de Londres que tem dirigido os trabalhos da Obra do Resgate em Portugal e tem procurado em todo o mundo judaico elementos para que seja conduzida a bom termo a sagrada missão de redimir os descendentes dos mártires da Inquisição.

Todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente este nosso ilustre correle-gionário, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens. *Be-siman Tob.*



PAUL GOODMAN

*
* *

Como tributo de homenagem na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim (Catedral Israelita do Norte de Portugal) no dia 10 de Abril se realizou uma sessão solene, que principiou pela oração de Arbith, sendo oficiante o Moreh Marano Joseph Gabriel. Depois no espaçoso Hall do primeiro andar da Sinagoga, o Presidente da Comunidade e leader dos maranos, sr. Professor Capitão Barros Basto, ladeado pelos maranos srs. Eng.º Samuel Rodrigues e Joseph Gabriel, abriu a ses-

são e usando da palavra enalteceu as brilhantes qualidades de Paul Goodman como estudioso, historiador, publicista e administrador. Nos seus trabalhos literários ele usa estilo agradável e facilidade de dicção.

Em 6 de Março de 1907 na Spanish &

Portuguese Synagogue, Landerdale Road, se realizou o enlace matrimonial de Goodman com a sr.^a D. Romana Manczik, sendo celebrantes o Haham dr. Moses Gaster e os rev.^{os} J. Piperno e S. J. Roco. Enlace feliz que deu a Goodman uma boa esposa, boa mãe e uma excelente companheira de trabalhos. D. Romana Goodman foi uma das fundadoras da simpática organização feminina de assistência Wizo.

A *História dos Judeus* de Goodman foi publicada pela primeira vez em 1911 e teve depois muitas edições.

O seu livro *A Sinagoga e a Igreja* é um trabalho consciencioso de estudo teológico.

Na sua actividade prestou bons serviços na organização Bené-Berit (primeira loja da Inglaterra).

Foi um dos fundadores e activo colaborador da Zionith Federation of Great Britain and Irland.

Dedicou-se ao estudo das Comunidades Spharditas (lusohispánicas).

Com sua esposa visitou a Terra Santa onde foi recebido e acompanhado por Sua Eminência o Rabbi-mor do rito Sephardy na Palestina, rev.^o Jacob Meir.

Visitou os históricos centros da Diáspora Sephardy (Salónica, Sarajevo, Belgrado, Florença, Leorne, Porto, Lisboa, Gibraltar e Tetuan).

Em Espanha em 1931 foi recebido pelo sr. Presidente da República Alcalá Zamora.

Numerosas são as suas obras literárias: *Think and Thank*, *Bevis Mark in history*, *Chaim Weisman*, etc. .

O orador com emoção recorda os trabalhos de Goodman durante vinte anos na obra do Resgate dos maranos portugueses, a sua viagem a Trás-os-Montes, a sua actividade para obter ajudas para a construção desta Sinagoga.

Quando fez os seus 70 anos a Federa-

ção Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda instituiu uma publicação na Universidade Hebraica de Jerusalém intitulada «Paul and Ramana Goodman Publication» sobre a vida comunal e religiosa dos Maranos em Portugal durante os séculos XVI e XVII.

Seu filho mais novo Cyril foi o intelligence Officer da Brigada Judaica nesta segunda Grande Guerra.



Caricatura de PAUL GOODMAN

O orador em homenagem a Paul Goodman pelos serviços prestados na Obra do Resgate proclamou que este hall onde se fazem as sessões solenes se chamará doravante, «The Paul Goodman Hall».

Em seguida foi descerrado o retrato de Paul Goodman pelos maranos srs. eng.^o Samuel Rodrigues e Joseph Gabriel e saudado com uma salva de palmas.

Findou a cerimónia com a entoação do canto Ha-Tikvah.

A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

(O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 140 — CAP. II)

O encontro com o pai

É próximo do túmulo de Virgílio que se dá o encontro de Bernardim com seu pai Leon Hebreu. Talvez tivesse sido marcado aquele local para que esse encontro não fosse tornado suspeito para certas entidades e porque ali se permitia troca de impressões, que deveriam ser comoventes. É a primeira vez que Bernardim vê o seu pai, notando que ele é alto de aspecto simpático e com um ar de nobreza antiga, e trajava uma comprida vestimenta negra como usavam os físicos da corte.

Mas ouçamos como Bernardim narra esse comovente encontro:

«...ouvi bulir o arvoredado... tomou-me medo; mas olhando para ali, vi que vinha uma mulher; e pondo nela bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora de tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e maneios seguros do corpo, do rosto e do olhar, pensativa que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto.»

«Os seus pés trazia por entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por elas. E entre uns vagarosos passos que ela dava, de quando em quando colhia um causado fôlego, como que lhe queria falecer a alma.

«Sendo cerca de mim e me viu, ajustando as mãos, à maneira de medo de mulher, um pouco, como que vira coisa desacostumada, ficou; e eu também assim logo m'ò não consentiu, mas da novidade d'aquilo que ainda ali não vira...

«Mas não esteve ela muito tempo assim, porque, parece, conhecendo também que estava com uma boa sombra, começou a dizer, vindo ao meu encontro:

— Maravilha é ver donzela em ermo, depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu...

«E daí a grande pedaço, misturado já com lágrimas disse:

... filho!»

«Depois, tirando um lenço, começou a limpar o rosto, e a chegar-se para onde eu estava.

«É ela;... (me disse)... me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui ou que viestes a fazer, formosa e só...

— «A mim podereis dizer tudo.

Bernardim diz-lhe que teve tristezas, e quer fazer perguntas também ao pai.

«... Maiormente da causa que foi das suas quando não pôde, senão muito tarde, dizer: — filho.

Leon Hebreu diz-lhe:

«... Há uma história muito falada nesta terra... que há muito há que aconteceu. Lembra-me que era eu menina e ouvia-a já então contar a meu pai, por história. Agora, ainda folgo de cuidar nela pelos grandes acontecimentos e desventuras que nela houve.»

Refere-se Leon Hebreu à sua saída de Portugal para Castela, ainda jovem, após a morte do duque de Viseu em 1483, para ir para a companhia de seu pai Don Isaac Abrabanel, amigo do duque de Bragança e do duque de Viseu, que para salvar a sua vida teve de emigrar.

Dirigindo-se a Bernardim diz-lhe que *os dias são agora grandes* (o que nos dá a entender que este encontro se passou no verão de 1522) e terão tempo de contarem um ao outro as suas mútuas tristezas.

Leon Hebreu diz a Bernardim:

— «Assim há já muitos anos que eu não vivo para mim, e vim para estes ermos, fugindo das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu...

«Muito me aprouve achar-vos também conforme à minha tristeza; porque nos consolaremos, ambas desconsaladas...

«Quando vos eu à primeira vista vi, em o apartamento de toda a gente (que

nesta terra há muito) e o muito que também há que eu não via nela coisa com que falasse, e me moveu à alteração, e não pus em vós os olhos, tanto, como depois que vos falei; e, quanto mais vos olho, mais acho que vos olhar. As passadas palavras vossas me dizem que deveis ter o coração altamente agravado.

«Vejo-vos moça; ainda ireis para viver no mundo. Mal haja a desventura que tão cedo começou em vós, e tão tarde acaba em mim.

«Muito folgaria de me contardes vossas tristezas, uma a uma...

«... Tenho aprendido que não há tristeza nos homens. Só as mulheres são tristes;...

«Mas se elas, por isso, têm razão de serem mais tristes, sabê-lo-á quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida!»

Pelo motivo apresentado neste livro de *Saudades Bernardim* se apresenta como uma jovem e Leon Hebreu como uma dona de tempos idos ao trocarem palavras de tristeza.

Continua Leon Hebreu:

— «Quando eu era da vossa idade e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites do inverno, entre as outras mulheres de casa, umas fiando, e outras dobando, muitas vezes, para enganarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não deixassem parecer o serão longo; e uma mulher de casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas coisas, por mais anciã, dizia sempre que a ela pertencia aquele ofício, e, então, contava histórias de cavaleiros andantes.»

Refere-se a seu pai Don Isac Abrabanel, Rabbi, Economista e Comentarista bíblico, que muito privou com a melhor nobreza de Portugal.

Continua Leon Hebreu:

«Neste conto não entram só os dois amigos de que é a história que há pouco vos prometi. Neles, sós, cuidou se encerrou a fé que em todos os outros se perdeu; e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem à traição, maldosamente, porque se não pareciam com eles.

«Lembra-me que, quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros, para matarem os dois

amigos, dizia que muito folgara de a não ouvir para a não saber, pois não viera em tempo para deixar de ir à terra magoado porque já a geração deles não trazia aí.

«Os dois amigos, no que fizeram, cumpriram para com elas, e para consigo mesmos, aquilo a que eram obrigados pelas leis da cavalaria que mantinham;...

«Isto digo eu, para vós, e para mim, porque meu filho também era homem como eles.»

Refere-se à morte dos duques de Bragança e de Viseu.

Diz ainda Leon Hebreu, transportando-se em pensamento à Península Ibérica: — «Em tempo, foram estes vales muito povoados, e agora muito desertos, costumavam gentes andar neles, agora andam animais ferozes. Uns deixam o que outros tomam! Para que eram tantas mudanças em uma só terra?

«Ainda em alguns sítios deste vale estão algumas antigas árvores, que, pelo muito decurso de tempo, e descostume de como foram criadas, parecem já doutra plumagem diferente daquela de que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, elas produziam seu perfeito fruto.»

Referência ao período brilhante do judaísmo hispânico, às perseguições da época e à existência de cristãos-novos, mas na verdade cripto-judeus.

Comovedor devia ter sido este encontro em que pela primeira vez falava Bernardim com seu pai, tendo um 31 anos de idade e outro 57; pois Bernardim nasceu em Toledo em 1491 e seu pai em Lisboa em 1465.

Lamentor e o cavaleiro da ponte

Garcia de Rezende, na sua *Crónica d'El-Rei D. João II*, informa-nos que o príncipe D. Afonso filho deste rei casou com a princesa Isabel, filha dos reis católicos Fernando e Isabel, em Sevilha:

«... e logo o dito Fernão da Silveira que para isso levava suficiente e bastante procuração, em nome do príncipe por palavras de presente como manda a Santa Madre Igreja de Roma; recebeu a dita princesa D. Isabel por sua mulher, por mão do Cardial D. Pero Gonçalves de Mendonça, perante El-Rei e a Rainha e Infantas e suas irmãs; e muitos grandes senhores com muito grande solenidade...»

Informa mais o cronista:

«Depois d'El-Rei (D. João II) saber o dia que a princesa havia de ser entregue em Portugal, ordenou que em seu recebimento e entrega que no extremo dos reinos se havia de fazer, fosse em nome do príncipe o duque D. Manuel, primo co-irmão d'El-Rei, e irmão da Rainha, filho do Infante D. Fernando, e primo co-irmão da Rainha D. Isabel de Castela, que levava poder especial do príncipe.»

D. Manuel, duque de Beja, acompanhado de outros senhores foi à fronteira entre Elvas e Badajoz receber a princesa.

D. João II e o príncipe D. Afonso foram a Estremoz, onde foi ratificado o casamento. De Estremoz foram para Évora, onde houve grandes festas. De Évora, vieram para Santarém, onde houve também festas.

Diz-nos o cronista:

«E dia de S. João houve singulares e ricas canas reais, em que jogou El-Rei e o príncipe e todos os senhores que na corte estavam, e muitos fidalgos, que passavam de duzentos cavalos com riquíssimos arreios e atavios...»

«Consertou logo El-Rei e repartiu a gente e suas bandeiras, e alferes, El-Rei e o príncipe duma parte, e da outra o duque (D. Manuel) e muitos senhores e principais fidalgos repartidos, e começaram logo de jogar, as quais canas foram em extremo ricas e bem jogadas, e caíndo nelas muitos homens grandes quedas, e entre tantos não houve nenhum desastre nem perigo algum.»

Em Julho quando o príncipe andava a correr a cavalo ao páreo com D. João de Menezes, caiu do cavalo ficando como morto, sem fala e sem sentidos. A mãe e esposa logo que souberam a triste nova saíram como desatinadas para o local onde jazia o príncipe.

Diz ainda o cronista:

«Morreu em idade de 16 anos e vinte dias parecendo no corpo, na barba, no saber, siso, e sossego homem de 25 anos. Foi casado sete meses e vinte e dois dias.»

No capítulo 5.º e 6.º da menina e moça Bernardim apresenta Lamentor (anagrama de Manuel Tr (êdo)), que traz para Portugal D. Isabel, tem uma justa com o cavaleiro da ponte (personificação do príncipe D. Afonso), o qual dias depois morre em

consequência duma queda do cavalo, e D. Manuel logo que soube do desastre veio vê-lo ainda moribundo. O cavaleiro da ponte morre oito dias antes de se poder casar e o príncipe D. Afonso morre 7 meses e 22 dias depois do seu casamento, isto é, cerca de oito meses.

Mortes por parto

D. Manuel casou em primeiras núpcias com D. Isabel, a viúva do príncipe D. Afonso, em Outubro de 1497. D. Isabel morreu de parto de seu filho D. Miguel da Paz em Agosto de 1498. Este príncipe D. Miguel morreu em Castela a 19 de Julho de 1500.

As irmãs de D. Isabel foram:

D. Joana, que casou com Filipe d'Austria.

D. Maria, que foi a segunda mulher de D. Manuel.

D. Catarina, que casou com Henrique VIII de Inglaterra.

Damião de Góis, na sua crónica de D. Manuel, diz:

— «A Rainha D. Isabel, filha dos reis católicos Fernando e Isabel, casou com Manuel em Outubro de 1497. Vieram para Évora, onde se demoraram em lua de mel, todo o mês de Novembro e parte de Dezembro. Como a nova rainha já manifestava sinais de gravidez, partiram os noivos para Lisboa, visitando de caminho a rainha viúva D. Leonor, irmã de El-Rei, que se achava no Lavradio do Ribatejo. Daí embarcaram nas galeotas, e deslizando de frente de toda a cidade, foram surgir no cais do paço de Santos-o-Velho.»

... foram aposentar-se definitivamente no paço da Alcaçova.»

D. Manuel casou em segundas núpcias com sua cunhada D. Maria a 30 de Outubro de 1500 em Alcácer do Sal. Deste segundo matrimónio nasceram dez filhos entre os quais D. Beatriz, a futura duquesa de Saboia, no paço de Alcaçova de Lisboa a 31 de Dezembro de 1504.

Damião Góis, na crónica de D. Manuel, diz-nos:

«Neste ano de 1516 aos 9 dias do mês de Setembro pariu a rainha D. Maria em Lisboa nos paços da Ribeira um filho a que puzeram o nome de D. António, que logo faleceu, do qual parto lhe ficou uma má disposição de que faleceu como se adiante se dirá.»

A rainha D. Maria ficou tão mal tratada do parto do infante D. António, que nunca mais esteve bem « com que lhe acrescentavam de dia a dia gravíssimas dores faleceu em Lisboa nos paços da Ribeira aos 7 de Março do ano do Senhor, 1517. »

D. Maria foi sepultada no Mosteiro Degobregas da Madre de Deus, donde seu filho D. João III mandou depois trasladar seus ossos para o Mosteiro de Belém, que El-Rei D. Manuel fez de novo para seu jazigo e de todos os seus filhos.

Narbindel e Aonia

Nos capítulos 8.º, 9.º, 10.º e 11.º da *Menina e Moça*, Bernardim conta a morte e enterro da rainha D. Maria, a quem chama Belisa (anagrama de Isabel) sua irmã, primeira mulher de D. Manuel, que morreu de parto.

No capítulo 9.º diz que Narbindel (anagrama de I. d'Abrabanel) vai aos Paços da Ribeira dar os pesames e encontra pela primeira vez D. Beatriz, designada na novela por Aonia (anagrama de Joana), que é o nome da sua namorada alentejana (Joana Tavares).

Bernardim entra na câmara ardente. « E entrando, e vendo a senhora Aonia, que em grande extremo era formosa, soltos os seus longos cabelos que toda a cobriam, e parte deles molhados em lágrimas, que o seu rosto por alguma parte descobriam, foi logo trespassado do amor dela, sem haver quem, por parte doutrem, fizesse defesa; e como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha ela só; mas, quando se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aonia, que não tão somente lhe esqueceu a outra (Joana Tavares), mas não lhe lembrou mais senão para lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço. »

« Desta maneira, foi ele preso do amor da senhora Aonia; e, depois, veio a morrer por ela. »

« Este foi um dos dois amigos de que é a nossa história. »

(Os dois amigos são Bernardim e Sá de Miranda).

(Continua).

CASAMENTOS NO PORTO

No dia 14 de Março de 1948, pelas 13 horas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à rua Guerra Junqueiro, 340 — Porto se realizou o casamento da menina Maria Teresa Ferreira Coelho, natural do Porto, de origem marana, com o sr. Félix Henriques Garcea, natural de Bordeus (França).

Foram padrinhos os pais do noivo. Foi celebrante o Moreh marano sr. Joseph Pereira Gabriel.

No dia 17 de Março na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, pelas 14 horas se realizou o enlace nupcial da menina Renia Finkelsztejn, de 22 anos, natural de Varsóvia, gentil filhinha do conhecido negociante e industrial do Porto, sr. Srul Finkelsztejn com o sr. Paltiel Cymerman, de 25 anos, natural da Polónia, industrial de Lisboa.

Foi celebrante o Rev.º Rabbi Mendel Diezendruck, digno chefe espiritual da Comunidade de Lisboa, que encantou a numerosa assistência com a sua excelente voz de barítono. Tocou órgão o conhecido professor de música sr. Cipriano Gil. Os noivos e convidados trajavam cerimoniosamente.

A Sinagoga estava repleta. Vieram de Lisboa expressamente para assistirem a este acto várias notabilidades judaicas, entre as quais os srs. dr. Elias Baruel, vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e presidente da secção de Assistência aos Refugiados, Abraham Abner Levy, Parnas (Provedor) da Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) e dr. Semtob Sequerra, presidente da Associação da Juventude Israelita He-H'aber (o companheiro).

Foram padrinhos: por parte da noiva seus pais e por parte do noivo o sr. Chaskiel Sznayder e sua esposa D. Genia.

O Rev.º Diezendruck fez um darush (sermão) alusivo ao acto.

A Sinagoga estava lindamente ornamentada com muitas plantas e flores. Tapeçarias vinham até à rua, tudo disposto com arte.

Depois da cerimónia houve na residência do sr. Finkelsztejn um magnífico lanche de casamento, no qual usaram da palavra o Rev.º Rabbi Diezendruck, o Professor Capitão Barros Basto e vários amigos dos noivos. Houve depois um esmerado jantar com comida estritamente Kasher (ortodoxa).

Aos noivos deseja Ha-Lapid:

Mazal Tob — Besiman Tob

(Boa Estrela — Bom Signo)